

A História Oral e sua importância para entender vivências do cotidiano.

Resumo (máximo 1000 caracteres / 11-12 linhas)

O presente artigo busca analisar como a história oral possibilita uma ponte para entender a história no tempo presente desde uma perspectiva que se difere da historiografia tradicional, mais vinculada à História Social dos debates em contato com sujeitos históricos que muitas vezes se encontram "bajo el radar político", como as mulheres negras e periféricas. Partindo das visitas técnicas realizadas em virtude do projeto de extensão *Caminhos para o Bem Viver Bajo el Radar Político* e, mais especificamente, da primeira entrevista realizada durante o trabalho de campo de julho, na Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande/AMAVAG, na Zona Oeste Rio de Janeiro, é possível observar importantes conexões entre o passado e presente, bem como refletir sobre o papel da universidade na interação com o movimento social.

Palavras-chave: história oral, tempo presente, entrevista, vivências (máximo 50 caracteres)

Introdução (Justificativa, o Problema, Objetivos - geral e específicos) (Máximo 4000 Caracteres/ 1 lauda e meia)

O projeto de extensão Caminhos para o Bem Viver Bajo el Radar Político tem por objetivo colocar em diálogo a Universidade Federal Fluminense e o grupo comunitário Teia de Solidariedade da Zona Oeste/TeiaZO com o objetivo de fortalecer as lutas em curso a partir da produção de memória e construção de arquivo das atividades realizadas pelo movimento, utilizando-se do registro de História Oral de suas articuladoras e do apoio técnico para diversas demandas que vão surgindo no contexto dessa relação,

Dentre as ações previstas, visto que iniciamos oficialmente no mês de junho, com o foco no bairro de Vargem Grande, está uma visita técnica mensal na Feira da Roça Agroecologia e Cultura/FRAC no Largo de Vargem Grande, local de convergência de diversas articuladoras comunitárias, dos agricultores e agricultoras tradicionais e quilombolas do maciço da Pedra Branca e dos quintais produtivos, além dos vários projetos que se encontram em execução.

Neste sentido, no presente artigo, a proposta é compartilhar algumas reflexões sobre as vivências realizadas em campo, com foco na primeira entrevista realizada com Sarah Rubia, uma das articuladoras da TeiaZO que desenvolve um trabalho junto às comunidades do entorno e cuja família descende de remanescentes do Quilombo Cafundá-Astrogilda. A entrevista é uma das ferramentas utilizadas para que se atente às lutas em curso no Tempo Presente, compreendendo que a construção desta fonte oral não se restringe exclusivamente às demandas da pesquisa acadêmica, como a necessidade de registrar e arquivar as atividades presentes na Teia, mas se torna também uma contribuição histórica para o movimento.

O projeto de extensão, coordenado pela professora Mariana Bruce, do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, é composto, atualmente, por sete estudantes extensionistas, sendo uma destes, bolsista de extensão da PROEX, e os demais atuando de forma voluntária. Todos do Departamento de História: Mariana Teixeira, Rebecka Dantas, Beatriz Freitas, Lu Calaza, André Travaglini e as recém ingressantes, Nathalia Athanazio e Gabriela Gonçalves. Todo terceiro domingo do mês ocorre uma visita técnica ao território com o propósito de localizar os extensionistas e familiarizá-los com as questões em curso tendo por base o contato com as moradoras e articuladoras da Teia de Solidariedade. Foi em uma dessas ocasiões que se desenvolveu a entrevista com Sarah Rubia, e algumas conversas iniciais com as articuladoras Maria Tereza Aprígio, da comunidade de Santa Luzia, Sônia Ribeiro, da comunidade de Cascatinha, e Giovanna Berti, da comunidade do Caetés - todas localizadas na região das Vargens. Além das visitas técnicas, a equipe também se reúne semanalmente para discutir alguns aspectos teórico-metodológicos que orientam o projeto, como a própria História Oral, e para executar e planejar as ações demandadas pelo movimento que são de distintas naturezas.

Desenvolvimento com Fundamentação Teórica (Máximo 6000 Caracteres / 2 laudas e meia)

A Zona Oeste do Rio de Janeiro ocupa 70% do território da cidade, conta com expressiva concentração demográfica - com uma população majoritariamente preta e parda (DATARIO, 2010 apud ALVARENGA et alli, 2020)) - e se encontra em condição de subalternidade, na qual está intrínseca uma realidade de violências, sequestro de águas, especulação imobiliária, racismo ambiental e investimento de capital transnacional. Em meio a tantos desafios, o que impede esta zona de receber os olhares da academia de forma proporcional ao seu peso demográfico, geográfico e político?

Neste sentido, pensa-se na importância da obra "*Pode o subalterno falar?*" onde Gayatri Spivak (2010) reflete a importância da agência, de uma história constituída e vista a partir dos sujeitos que costumam ser apagados da própria história, isto é, que dificilmente tem sua voz registrada, em especial as mulheres racializadas e periféricas. Ainda que a autora esteja se referindo ao apagamento de mulheres indianas, suas provocações são oportunas para trazermos essa reflexão para a Zona Oeste do Rio de Janeiro onde se localiza a atuação comunitária de mulheres negras. A militância da Teia de Solidariedade da Z/O surge justamente a partir desse lugar, como articulações territoriais e comunitárias, tecidas por mulheres, sobretudo negras, dando voz e protagonismo a sujeitos que comumente são ignorados. O grupo, que se estabeleceu em um contexto pandêmico no qual a morte pela doença, assim como a fome e o nutrídio incidiram com maior intensidade sobre essas mesmas mulheres. Conforme demonstraram Claudio Katz e Oliveira (in FRESSATO & NÓVOA, 2020), a pandemia, na verdade, expandiu crises já presentes na América Latina, aprofundando e dando espaço para as políticas neoliberais que afetam a saúde pública, a desmantelando, e desenvolvendo uma necropolítica sob comando de presidentes de direita tais como o ex-presidente Jair Bolsonaro, que resultaram em um genocídio.

Porém, por outro lado, houve também o fortalecimento dos laços de solidariedade entre grupos tidos como subalternos - é neste contexto em que se desenvolveu a comunidade da Teia de Solidariedade na Zona Oeste do Rio de

Janeiro, para mitigar e contribuir para que a mulheres negras , na periferia da cidade, não fossem vitimadas pelo nutríció e a fome.

Esta organização pode ser compreendida a partir do Silvia Rivera Cusicanqui (2018) denomina como experiências que ocorrem “bajo el radar político”, um sentido que nasceu após a historiadora indígena analisar o contexto de uma Bolívia heterogênea, na qual mulheres racializados se colocam de forma protagonista em atuações comunitárias e territoriais e que, apesar de muitas vezes invisíveis aos grandes holofotes da política, buscam alternativas de resistência e possibilidades emancipatórias.

Silvia Federici também atrela ao sentido desse tipo de atuação como uma política dos comuns, na qual se vislumbra um caminho que possibilita “reencantar o mundo” a partir da aposta na comunalidade como um lugar que reabilita as possibilidades de nos relacionarmos uns com os outros, incluindo-se humanos e não humanos, bem como o de poder “decidir coletivamente nosso destino na Terra” (FEDERICI, 2022, 38). Neste sentido, compreendendo a relevância desse fenômeno que é a TeiaZO que chegamos a campo com a proposta de atuar junto com essas mulheres, registrando suas histórias através da História Oral, emprestando apoio técnico quando solicitado e conferindo enfoque em algumas das características que operam sua militância e que são de profunda relevância, tais, como a agroecologia, o antirracismo e feminismo comunitário e periférico.

Na ocasião da nossa visita técnica de julho, quando ocorreu a Festa do Boi, na Feira da Roça, tivemos a oportunidade de entrevistar Sarah Rubia, uma das articuladoras da Teia na região das Vargens e ex-Presidente da Associação de Moradores de Vargem Grande/AMAVAG. Durante seu recente mandato na associação (2021-2023), ela concebeu um mural com dezenas de imagens que contam a história do bairro a partir de suas raízes históricas e quilombolas. O mural ocupa uma parede inteira do salão principal da associação e recebeu financiamento da ASPTA-Rio. O impacto das imagens é profundo, porém, notamos que fazia falta conhecer um pouco mais das histórias que estão por trás daquelas imagens. Por essa razão, essa primeira entrevista com Sarah Nunes tinha por objetivo conhecer um pouco mais dessa histórias por trás das imagens de modo que pudéssemos elaborar um ebook que seria disponibilizado junto ao painel para quem quiser saber um pouco mais. Foi nossa primeira experiência de entrevista de campo, gravada com filmadora e gravador de voz, e nossa interlocutora pôde, então, falar um pouco sobre sua própria história e sobre o mural. Foi muito enriquecedor e, neste momento, estamos finalizando a escrita do ebook para compor este memorial da associação.

Vale citar também que na ocasião das visitas técnicas também tivemos a oportunidade de conhecer algumas das comunidades junto às articuladoras locais. Deste modo, fizemos uma primeira visita na comunidade de Santa Luzia, quando Maria Tereza Aprígio, pôde contar um pouco de sua história e da história de sua comunidade de maneira informal (preparatória para entrevista de História Oral), assim como Sônia Ribeiro, em Cascatinha, e Giovana Bertí, na comunidade dos Caetés. A proposta é seguir com essas visitas mensais, conhecendo um pouquinho mais também sobre a história de vida dessas mulheres e de suas comunidades. Na medida em que os laços de confiança forem sendo criados, teremos um ambiente mais propício para a realização das entrevistas de História Oral formais com cada uma delas.

Metodologia (Máximo 2000 Caracteres / pouco menos de 1 lauda)

Iniciar o projeto estrategicamente sobre o território de Vargens foi muito importante para conhecer as dinâmicas locais. A visita técnica é essencial e imprescindível para que nós, pesquisadores e pesquisadoras, possamos nos aproximar de uma realidade social, sem idealizações e exageros. Deste modo, poderemos, a partir dos problemas e demandas apresentados, nos colocar à disposição para somar em suas lutas.

Se faz necessário destacar que a História Oral é uma referência do ponto de vista teórico-metodológico e que nos leva a um conjunto de técnicas que merecem ser destacadas, como a preocupação ética de como se ouve o outro; o como tratar, percepção da memória, o não induzir respostas, o respeito e a significação dos silenciamentos, a importância de se construir relações de confiança e cumplicidade até chegar ao momento da entrevista, entre outras coisas. É através da oralidade que fatores que não têm como vir à tona em uma fonte exclusivamente escrita, e que se complementam com outras fontes, descobrindo-se, assim, novas maneiras de se redigir e se entender a história

A história oral vem para dialogar com perspectivas que buscam prestar um olhar mais atento a grupos que não eram alcançados pela história oficial tradicional focada nos heróis nacionais e nos arquivos. Não só a aqueles, mas principalmente, tendo em vista também a possibilidade de se devolver algo a estes grupos e romper, como demonstra Rovai (2013) com a indiferença perante a possíveis dores e sentimentos dentro da pesquisa, tendo em vista que é comum a visão de que o historiador tem de ser “neutro” e “indiferente”. Mesmo que a neutralidade em si não exista, pois toda fala parte de um local, a História Oral e o envolvimento direto com uma pesquisa desse tipo nos leva também a considerar uma perspectiva de reparação histórica, por se comprometer em procurar devolver também, de alguma maneira, para comunidade, o trabalho desenvolvido. E é neste contexto que se dá o próprio projeto aqui desenvolvido.

Resultado com Discussão (Máximo 4500 Caracteres / quase 2 laudas)

O resultado deste empreendimento ainda está em elaboração, tendo em vista que é um projeto ainda em andamento, mas é possível afirmar que já contribuiu tanto para nossa formação enquanto pesquisadoras e pesquisadores, quanto para a comunidade. A partir dessa relação com a TeiaZO já realizamos o cadastramento de dezenas de famílias para participar do Programa de Aquisição de Alimentos/PAA, fruto de uma iniciativa da própria TeiaZO junto ao Quilombo D. Bilina - que se tornou o primeiro quilombo do Estado do Rio a receber recursos do governo federal para comprar diretamente da agricultura quilombola do Estado e distribuir alimentos frescos agroecológicos para famílias chefiadas por mulheres negras que se encontram em vulnerabilidade alimentar; estamos construindo relações de cumplicidade e afeto com as moradoras e articuladoras da TeiaZO para realizar as entrevistas de História Oral de modo que seja possível compreender sua realidade e ouvir suas histórias de vida; considerando que muito se perde ao não documentar e arquivar essas fontes; estamos discutindo a possibilidade de construir futuramente um arquivo anticolonial que tenha como base a vivência e resistência da comunidade de mulheres negras de Vargem Grande; e estamos envolvidas na

elaboração de um ebook sobre o painel quilombola existente na AMAVAG de modo a fortalecer as memórias que se encontram em disputa hoje no território frente o avanço da especulação imobiliária que tende a gentrificação a região e acabar com suas tradições quilombolas, caixas, agroecológicas, de plantar e morar na cidade.

Neste sentido, tem-se desenvolvido um projeto, com base na escuta, na oralidade mas também na documentação desta oralidade, que afeta diretamente a vida das participantes envolvidas no projeto, e portanto, da comunidade com que se pretende fazer ao fim de tudo. E a base desta estrutura, é a história oral, que se fundamentou como uma das ferramentas para entender a história de povos cuja a principal maneira de comunicação fora a oralidade, e que também são possuidores de história, da própria história. Este caminho tem de ser perpassado com cuidado, afinal, nesta vertente, se lida com seres humanos que estão vivos, se comunicando e que detém muitas vezes traumas e questões difíceis de serem tratadas, o que as leva muitas vezes ao silenciamento. Como demonstra Rovai é preciso criar um ambiente e uma relação de afeto e confiança para não sermos impedidas pelo "temor de não ser compreendido, de não conseguir traduzir a intensidade do vivido, a percepção de ter as palavras submetidas à dúvida num mundo que a memória e a experiência caem em descrédito" (p.130, 2013).

Os impactos já analisados são a escuta mais atenta e ao observar que, por exemplo, com a entrevista realizada, algumas questões foram evidenciadas, tais como: primeiramente, a história por trás do mural que fora apresentado, que não está documentada por escrito ou em nenhum documento oficial e, através da oralidade, este conhecimento se fez presente; em segundo lugar, para além da história em si que está sendo contada, se analisa o olhar da interlocutora em questão, que é a narradora neste caso, reconhecendo sua agência histórica e seu lugar como sujeito; em terceiro lugar, se compreende como o mural,] que, a princípio, para um olhar desavisado poderia parecer apenas um conjunto de colagens, é, na verdade, um patrimônio cultural e, portanto, histórico daquele local em Vargem Grande, contando um pouco da história do bairro, das pessoas presentes nele, e tendo, portanto, significado para além de si mesmo.

Considerações Finais (Máximo 3000 Caracteres / 1 lauda)

Faz-se mister ressaltar que, ao pensar historicamente, é importante estar localizado, situado, para que se torne retinto quem está falando sobre história e como esta se constitui. Neste sentido, o presente trabalho teve e tem a preocupação de olhar para o tempo presente e aqueles que o habitam, através da ação comunitária de mulheres que organizam através de uma teia de solidariedade que reúne comunidades tradicionais, favelas e quilombos. No caso da de Vargem Grande é uma região tradicionalmente preta, parda e quilombola e que, hoje, sofre frequentes tentativas de expulsão do próprio território, fruto do avanço dos processos de gentrificação gerados pela especulação imobiliária e do descaso governamental.

Documentar e construir um arquivo anticolonial sobre esta comunidade, com foco nas mulheres organizadas da TeiaZO, é preocupar-se com o que está sendo desenvolvido por e para a comunidade. Nosso trabalho é distinto daqueles cujas pesquisadoras vão a comunidades como esta e, depois, escrevem seus livros, artigos e teses e não devolvem nada para as mesmas, nem ao menos mostrando os resultados do trabalho. Na contramão dessa prática extrativista, lamentavelmente

muito comum no ambiente acadêmico e com o auxílio da história oral, foi possível construir um maior compromisso com nossas interlocutoras, reconhecendo-as como agentes e protagonistas de suas próprias histórias. Assim, procuramos contá-las em seus próprios termos, em seu próprio território e servindo às lutas que se encontram em curso..

Destaca-se, portanto, a necessidade de mais extensões, e projetos como um todo, que utilizem da história oral e da história como um todo, para que o campo histórico se perceba não mais como indiferente e neutro, mas posicionado e bem posicionado. E que se pense, como demonstra Daiana Santiago (2022), como as relações sociais são construídas, pois toda e qualquer pessoa parte de uma posição ao falar, tendo isto em mente, e como diferentes posições sociais contribuem de maneira distinta para a constituição de uma história oral, que visa reparação e contribuir para a comunidade com que trabalha, se constitui uma história que de fato devolve para a comunidade quando lhe consulta para realizar estudos sobre a mesma.

Referências (Máximo 2500 Caracteres)

Entrevista realizada em “Visita Técnica”, Vargem Grande, 18/07/2023.

RUBIA, Sarah, mulher com aproximadamente 40 anos, articuladora da Teia de Solidariedade da ZO/RJ, Vargem Grande.

Bibliografia

DATARIO, 2020 in ALVARENGA, Ana. NOBREGA, Camila; SANTANA, Caroline; RIBEIRO, Marina; FREITAS, Rosineide; BAPTISTA, Sílvia. Covid-19 No CEP 23000: Racismo Estrutura Letalidade em Campo Grande. Site Rio on Whatch. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=48543>

ARAUJO, Marcella; CORTADO, Thomas Jacques. **A Zona Oeste do Rio de Janeiro, fronteira dos estudos urbanos?**. In: Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc. – Rio de Janeiro – Vol. 13 – no 1 – JAN-ABR 2020 – pp. 7-30

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017. Reencantando o mundo: Feminismo e a Política dos Comuns. São Paulo: Elefante, 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, Tempo Presente e História Oral**. 2002. Disponível em: <http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>

KATZ, Claudio. “A Pandemia Agrava a Crise no Mundo e na América Latina”. In: FRESSATO, Soleni B e NÓVOA, Jorge (orgs). **Soou o Alarme: A crise do capitalismo para além da pandemia**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Sílvia. **Un Mundo Ch'ixi es Posible: Ensayos desde un Presente en Crisis**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. **Aprendendo a ouvir: a história testemunhal contra a indiferença**. 2013.

SANTIAGO, Daiana Sousa; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. **Fazenda Engenho Novo: História oral e memória negra na cidade de São Gonçalo.** *Revista TransVersos*, [S.l.], n. 24, p. 120-142, jun. 2022.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno falar?**. UFMG, 2010.

Observação para a sua distribuição de apresentação nos espaços (Máximo 2000 Caracteres) - Coordenadores de mais de uma Ação de Extensão podem opinar pela apresentação de seus trabalhos predefinindo dias e horários. A alocação dos trabalhos a serem apresentados levará em consideração essas opções, dentro do possível. No entanto, em virtude da limitação de espaços e períodos, a Proex se reserva o direito de não atender a todas as solicitações.